

# O DESAFIO MISSIONÁRIO PERANTE O MUNDO PENTECOSTAL

*Rafael Lopez Villasenor, sx*

**RESUMO:** *O pentecostalismo tanto evangélico como católica, é atraente, não se limita a pregar a salvação no sentido escatológico, oferece soluções imediatas para todo tipo de dificuldade por meio da fé, gerando aumento da auto-estima e da subjetividade. Este fenômeno aparece como continuador de certa religiosidade popular católica. Diante deste desafio, como dialogar com o mundo pentecostal e com as grandes religiões presentes no continente? De fato, o pentecostalismo está presente no mundo juvenil e desafia a AM e V.*

**ABSTRACT:** *Both Evangelical and Catholic Pentecostalism are attractive, are not limited to preach salvation in the eschatological sense, offer instant solutions to all kinds of difficulties through faith, generating increased self-esteem and subjectivity. This phenomenon appears as a continuator of some catholic popular religiosity. Given this challenge, how to dialogue with the Pentecostal world and with the major religions in the continent? Indeed, Pentecostalism is present in the world of youth and defies Missionary and Vocational Animation.*

## 1. INTRODUÇÃO

O campo religioso no Brasil e na América Latina vem acompanhando o fenômeno do crescimento dos movimentos pentecostais. Surgem um sem-número de igrejas autônomas, organizadas entorno de líderes, baseadas nas propostas de cura, de exorcismo e de prosperidade, sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se alcançar a bênção divina. Tais Igrejas baseiam-se também no reprocessamento de traços da religiosidade popular, da valorização do emprego de símbolos e de representações icônicas. Na Igreja Católica o fenômeno do pentecostalismo aparece através da Renovação Católica Cristã (RCC). O tema é muito pertinente para nós, porque a juventude que queremos atingir com a Animação Missionária e Vocacional está, muitas vezes, presente no mundo pentecostal, com o qual temos que saber dialogar.

O artigo apresenta a necessidade do diálogo com o pentecostalismo dentro da perspectiva da missão universal. Também aborda, de maneira breve o Budismo, o Hinduísmo, o Judaísmo e Islamismo como minoria no Continente. Porém, há o aumento da indiferença e da descrença religiosa no Brasil e nos parece que esse fenômeno se dá também na América Latina e o diálogo com o mundo pentecostal é desafiador, na realidade acontece apenas individualmente com algumas Igrejas pentecostais ou/e pastores. Os desafios do diálogo ecumênico e inter-religioso são fundamentais para a constituição da paróquia missionária.

## 2. O FENÔMENO DO MUNDO PENTECOSTAL

Ao fazer referência ao mundo pentecostal, não estamos ponderando apenas o pentecostalismo evangélico, mas também pentecostalismo católico presente através da RCC, que enfatiza as práticas subjetivistas cheias de emoção e que podem incorporar a subjetividade e o individualismo no discurso e na prática como o das Igrejas evangélicas pentecostais. Muitas vezes a diferença entre católicos da RCC e evangélicos pentecostais é tão pequena que parece quase a mesma coisa, só se marca a diferença por três aspectos: a piedade a Maria, a devoção à Eucaristia e a obediência ao Papa. Nos grupos da RCC e nas Igrejas Pentecostais os corpos movem-se, a emoção aflora, as lágrimas não se deixam reprimir. O temor à conquista das igrejas evangélicas pentecostais gera um sentimento de urgência. Para lutar contra um adversário, recorre-se às armas dele. A Igreja católica é aspirada para o lado das igrejas pentecostais. Lutando contra um inimigo, torna-se semelhante a ele. Neste sentido a RCC aparece como um movimento com características ambivalentes. Apresenta-se como conservador, místico, desligado dos problemas sócioeconômicos e políticos. Sua mística embasada na valorização dos carismas, o que atrai o povo movimentando as massas, enche as igrejas, cria uma euforia espiritual, por isso sempre a Igreja viu a RCC com entusiasmo e preocupação. Este movimento é formado por pessoas que fizeram opção pelo engajamento e militância católica, tanto quanto as que optaram pelo pentecostalismo evangélico.

O pentecostalismo oferece a busca do “sagrado” e faz a oposição entre os “salvos” que pertencem à Igreja e os do “mundo” aqueles que não são membros da instituição religiosa, os que “aceitam Jesus” em oposição “aos que não aceitam”. Estas oposições são verificadas nos discursos e pregações de todos os pentecostais. Os convertidos sempre sublinham que ao “aceitar Jesus e abandonar as coisas mundanas” entrando para a Igreja a vida mudou em todos os sentidos. Nas praças públicas, nos meios de transporte público sempre há o apelo à conversão e a afirmação que a causa de todos os males é a falta de Jesus. Jesus é a solução para todos os problemas. O “homem velho” morre, fica para atrás no processo de conversão e dá lugar ao nascimento de um “novo ser regenerado”, a uma nova criatura, com uma mudança radical de vida. (Cf. ELIADE, 2001 p. 163).

O pentecostalismo evangélico aparece como continuador de certas características matriciais da religiosidade popular católica. Na condição de religião cristã, a principal continuidade do pentecostalismo com a religiosidade popular consiste na crença em Jesus, nos demônios, em milagres, no pecado, nas curas e intervenções sobrenaturais, nas feitiçarias, na concepções escatológicas e na leitura literal da Bíblia. Décio Passos (2001 p. 230-232) vê no pentecostalismo um discurso desconstrutivo, das devoções dos santos católicos tradicionais populares. A ideia principal, segundo o autor, seria que o santo não tivesse poder nenhum e não pudesse atuar. A afirmação principal seria que existisse uma exclusividade de Jesus e de seu poder, o qual vem cumprir no pentecostalismo a mesma função dos santos populares católicos. Jesus tem poder para solucionar todos os problemas! Se o santo não tem poder deve ser considerado um ídolo, sem forças e abandonado. O santo é imediatamente substituído, afirmando que “Jesus tem todo o poder”. No catolicismo o milagre acontece pela interseção do santo, no pentecostalismo pela presença operante do pastor, Jesus realiza milagres. Também, a Palavra de Deus, a Bíblia, emana força e proteção, protege o fiel do mal, a Palavra de Deus tem poder e autoridade sobre as pessoas que tem fé! Ela é um amuleto para o crente! A Bíblia no pentecostalismo evangélico pode equivaler ao santo popular católico, ela é a mediação visí-

vel e sensível. A Bíblia é o livro santo que acompanha o fiel e seus percursos da grande metrópole, na Palavra de Deus se manifesta o poder e as maravilhas de Deus, hoje. Assim como não há catolicismo popular sem a imagem do santo, não há pentecostalismo evangélico sem Bíblia; a Bíblia sofre manipulação semelhante do fiel, como o santo no catolicismo. A mediação concreta exercida pela Bíblia que, ao ser lida, provoca efeitos imediatos de proteção. Os fiéis pentecostais passam por um processo e conversão às novas condições urbanas, sem perderem suas referências religiosas fundamentais e tradicionais. “A conversão vai adaptando as massas dentro do espaço e do tempo da grande cidade e atingindo o velho estilo de leitura do mundo e da vida”. Tudo indica que há uma nova ressignificação da cultura tradicional e do sagrado com a chegada na grande metrópole.

Ainda, segundo João Décio Passos (2001, p. 317), o pentecostalismo evangélico desenvolveu-se com as promessas de salvação, adaptando-se ao ritmo e ao jeito da modernidade. Este tem sido a recriação mais expressiva do cristianismo nos tempos modernos. O pentecostalismo em suas diversas expressões, tem construído a coesão, a identidade ausente da metrópole. O pentecostalismo é um tipo de religião popular que tem sua identidade na cidade e que tem um paralelismo direto com o catolicismo popular tradicional e, talvez, conserve alguns elementos adaptados e dando-lhes um novo significado. O pentecostalismo evangélico se aproxima do catolicismo para crescer e o catolicismo se faz pentecostal através da RCC para não perder espaço.

A dinâmica e militância missionária das igrejas pentecostais são constantes na procura de novos fiéis. Uma das causas do crescimento dos evangélicos pentecostais se mostra nas dinâmicas agressivas na procura de novos fiéis, enquanto a organização da Igreja Católica parece agir com bastante lentidão diante das mudanças sócio-culturais. A organização católica está muito dependente do padre e da paróquia. Ora, o número dos padres não tem crescido com o mesmo ritmo da população. As paróquias das grandes cidades têm, geralmente, um número exagerado de habitantes, de católicos não praticantes e afastados, ao qual o único

pároco não pode oferecer o cuidado pastoral desejável. As paróquias não são missionárias e aparecem apenas como prestadoras de serviços burocráticos, onde o indivíduo vai buscar apenas os sacramentos, sem nenhum compromisso concreto com a comunidade e muitas vezes as pessoas não se sentem em casa; enquanto que nas pequenas comunidades de grupos pentecostais os indivíduos são bem acolhidos. É verdade que há carência de padres e não é possível multiplicar pequenas paróquias, mas é possível subdividir as vastas estruturas fazendo da paróquia uma rede de comunidades e formar os leigos com disposição missionária e preparo, mas o catolicismo é muito centralizador e hierárquico, o que pode impossibilitar alternativas missionárias diferentes.

Ainda sobre a missão universal, o pentecostalismo evangélico, a partir da texto *“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”* (Mc 16,16), vem motivando a missão de maneira muito clara, os deslocamentos geográficos e de missionários, tanto de longa como de curta distância são evidentes no zelo de evangelizar os cinco continentes. A missão sem fronteiras pentecostal em pouco tempo fez com que muitas igrejas estejam presentes em vários países do mundo, de maneira especial na América Latina como na África. Por outro lado a Igreja Católica tem dificuldades para assumir o compromisso missionário, tanto no sentido local como universal. Portanto, o catolicismo deixa a desejar na missão evangelizadora universal.

### 3. A (IN)POSSIBILIDADE DO DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL

O diálogo católico-pentecostal parece ser bastante incipiente e precário, porém iniciou-se desde 1972, pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos (CPPUC). Sempre foi difícil e desafiador, tanto pelas diferenças históricas, como teológicas ou doutrinárias, assim como pela falta de representatividade de parte do pentecostalismo, sem deixar de lado que ele se dá em uma relação de maioria e minoria religiosa. Apenas com as Comunidades Batistas, Evangélicas e Pentecostais com as quais a Igreja Católica mantém um diálogo teológico oficial e

relacionamentos internacionais. Por outro lado, e especialmente na América Latina, frequentemente há um não-reconhecimento do caráter cristão dos católicos por parte de alguns grupos evangélicos e pentecostais.

O diálogo com o pentecostalismo sempre foi complicado, sobretudo diante da diversidade do movimento pentecostal e das diferentes posições teológicas, sem uma doutrina que ampare uma posição comum. Por isso, o diálogo católico-pentecostal não toma decisões perante as diferentes posições pentecostais e “as Igrejas são livres para aceitar ou rejeitar os relatórios por inteiro ou parcialmente” (CPPUC, 1999 p. 7). Os participantes católicos e pentecostais do diálogo tomaram consciência do escândalo que existe por causa da divisão, pois muitas vezes, acentua-se mais o que divide e as diferenças em vez de procurar as semelhanças e a unidade.

As dificuldades para o diálogo católico-pentecostal, no caso do Brasil e da América Latina, além das óbvias diferenças históricas e teológicas, devem ser entendidas em um contexto de tensões que emergem por causa da relação de minoria e maioria religiosa. No caso do Chile, por exemplo, constituiu-se a “Fraternidade Ecumênica” com a participação de algumas Igrejas pentecostais. Existe, hoje, uma longa tradição de oração comum e de participação em várias atividades de interesse público.

Concretamente, embora exista uma aproximação com o pentecostalismo, este diálogo se dá apenas entre pessoas das diferentes igrejas pentecostais e representantes católicos. Para o cardeal Walter Kasper (2005 p. 69-70), em algumas situações “as comunidades evangélicas e pentecostais mais recentes costumam ser consideradas sem legitimidade eclesial”. Além disso, “o uso indiscriminado do termo ‘seita’ não ajuda, e continua a criar problemas”. O que mostra que muitos católicos não reconhecem o caráter cristão de alguns grupos evangélicos e pentecostais. Além dos velhos problemas e preconceitos que existem, como o proselitismo e as acusações mútuas entre católicos e pentecostais. O diálogo católico-pentecostal é um caminho difícil e árduo. “Simplesmen-

te condenar as atividades proselitistas desses grupos” ou referir-se a eles como “seitas” “pode ser uma postura contraproducente. A nossa resposta não deve ficar apenas na crítica polêmica com os grupos pentecostais” (KASPER, 2005 p. 83).

A entrada e a força do movimento carismático, como sequência prática, levou a uma “pentecostalização” da Igreja Católica. Talvez a partir daí possa haver um diálogo católico-pentecostal<sup>1</sup> como partilha de dons e com momentos de oração. Esse encontro poderá ser algo possível, positivo e útil para o futuro da Igreja e do diálogo católico-pentecostal. (Cf. KASPER, 2005 p. 86-87). Para Edgar Moros Ruano (1996 p. 219), “A Igreja Católica está procurando respostas e alternativas ao desafio” através do diálogo. No caso do Brasil, esta realidade é difícil, as iniciativas são tímidas, e as dificuldades se intensificam, pelo fato de que poucas denominações pentecostais estão dispostas a dialogar com a Igreja Católica (WOLFF, 2002 p. 65). Embora, alguns líderes pentecostais mostrem disposição.

O desafio maior para o catolicismo é o pentecostalismo junto com seu proselitismo. Este parece preencher necessidades e satisfazer aspirações profundas do ser humano que o catolicismo não atinge e com o ele parece não existir diálogo. O desafio pentecostal leva o catolicismo a mudar de postura perante o pluralismo religioso de abertura, de diálogo, de acolhida e de aprofundamento da realidade religiosa. O proselitismo é um dos elementos mais conflitivos.

Na América Latina, o ecumenismo vai além das Igrejas que professam o credo niceno-constantinopolitano, pois o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), órgão que tem como objetivo a promoção da unidade entre as igrejas; apoiar a tarefa evange-

---

<sup>1</sup> O primeiro encontro Católico-Pentecostal no Brasil aconteceu os dias 30 de abril a 1º de maio de 2008, na Canção Nova, Lavrinhas, SP. Por parte da Igreja Católica Romana com a presença da Renovação Católica Cristã (RCC) e por parte Pentecostal, as Igrejas: Evangelho Pleno, Assembléia de Deus, Batista, Quadrangular e Anglicana Carismática. Foi um encontro de ecumenismo espiritual através de oração, louvação e testemunho ecumênico.

lizadora de seus membros; promoção da reflexão e diálogo sobre a missão e testemunho cristãos no Continente. O CLAI criado provisoriamente em 1978, em Oaxtepec (México), e definitivamente em 1982, em Huampani (Peru), atualmente com sede em Quito (Equador), vem realizando assembleias gerais periodicamente entre as Igrejas participantes. Participam do CLAI mais de 150 membros que pertencem às igrejas evangélicas, ortodoxas e também pentecostais que não professam o credo de Niceia, bem como organismos cristãos dedicados ao trabalho com a juventude, a reflexão teológica e à educação cristã. Seus membros abrangem 21 países da América Latina e Caribe (BEOZZO, 2007).

Os bispos reunidos na V Conferência do CELAM em Aparecida ressaltam que “onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, cresce o conhecimento recíproco e o respeito e se abrem possibilidades de testemunho comum” (*DAp* 233). O ecumenismo e o diálogo não são estratégias perante o pentecostalismo; tampouco significa proselitismo, nem relativismo da própria fé, logo, não tem como finalidade a diminuição do proselitismo por parte das Igrejas Evangélicas pentecostais. Embora isso aconteça, trata-se de uma tentativa de aproximação entre Cristãos que professam a mesma fé em Jesus Cristo, de crescer no conhecimento recíproco e no respeito abrindo possibilidades de testemunho comum.

A compreensão e a prática da eclesiologia de comunhão nos conduzem ao diálogo ecumênico (cf. *EG* 246 e 247). A relação com os irmãos e irmãs batizados em outras Igrejas e comunidades eclesiais é um caminho irrenunciável para o discípulo e missionário (*DAp* 227). Para os bispos, o ecumenismo não se justifica por uma exigência simplesmente sociológica, mas evangélica, trinitária e batismal, “expressa a comunhão real, ainda que imperfeita” que já existe entre “os que foram regenerados pelo batismo”. O Magistério insiste no caráter Trinitário e batismal do esforço ecumênico, onde o diálogo emerge como atitude espiritual e prática, em um caminho de conversão e reconciliação. Só assim chegará “o dia em que poderemos celebrar, junto com todos os que creem em Cristo, a divina Eucaristia”. Uma via fecunda para avançar para a comunhão é recuperar em nossas comunidades o sentido

do compromisso do Batismo. (DAP 228). Há casos em que é possível apenas o ecumenismo espiritual através de momentos de oração juntos com irmãos batizados (cf. DAP 230). A partir da experiência de oração, vem se desenvolvendo a espiritualidade ecumênica de cooperação a favor da vida, da justiça, dos direitos do homem e da paz. Neste sentido o papa Francisco afirma:

*O compromisso ecumênico corresponde à oração do Senhor Jesus pedindo «que todos sejam um só» (Jo 17,21). A credibilidade do anúncio cristão seria muito maior, se os cristãos superassem as suas divisões e a Igreja realizasse «a plenitude da catolicidade que lhe é própria naqueles filhos que, embora incorporados pelo Batismo, estão separados da sua plena comunhão». Devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus. O abrir-se ao outro tem algo de artesanal, a paz é artesanal. Jesus disse-nos: «Felizes os pacificadores» (Mt 5,9). Neste esforço, mesmo entre nós, cumpre-se a antiga profecia: «Transformarão as suas espadas em relhas de arado» (Is 2,4) (EG 244).*

Em época de pluralismo religioso pentecostal, as diferentes ofertas dividem as pessoas, põem em crise a fé. Os indivíduos podem se encontrar desorientados por tantas ofertas, que vagam de religião em religião, de Igreja em Igreja ou criam um sincretismo próprio. Atualmente, as religiões e as igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica proselitista e estar mais atentas à conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos.

*Dentro do novo pluralismo religioso em nosso continente, não se tem diferenciado suficientemente os cristãos que pertencem a outras igrejas ou comunidades eclesiais, tanto por sua doutrina como por suas atitudes, dos que fazem parte da grande diversidade de grupos cristãos (inclusive pseudo-cristãos) que se tem instalado entre nós. Isto porque não é adequado englobar a todos em uma só categoria de análise. Muitas vezes não é fácil o diálogo ecumênico com grupos cristãos que atacam a Igreja Católica com insistência. (DAP 100g).*

É possível considerar o pluralismo religioso como um desafio positivo, mesmo com o avanço das Igrejas pentecostais, embora haja dificuldades de diálogo com algumas Igrejas e grupos. Também é possível reconhecer que o pentecostalismo evangélico pode exercer uma determinada função na salvação, enquanto portador da presença do mistério de Cristo, do qual a Igreja visível não possui monopólio. Por isso, é necessário intensificar o diálogo, embora não seja fácil, com grupos religiosos que atacam a Igreja Católica.

O diálogo parece ser tão desafiador e tão importante para nós missionários, sobretudo com o mundo das igrejas pentecostais, que o Papa Francisco nos diz, “dada a gravidade do contratestemunho da divisão entre cristãos, sobretudo na Ásia e na África, torna-se urgente a busca de caminhos de unidade. Os missionários, nesses continentes, referem repetidamente as críticas, queixas e sarcasmos que recebem por causa do escândalo dos cristãos divididos” (*EG* 246). Por isso, é necessário o nosso engajamento ecumênico como parte integrante da Animação Missionária nas realidades da América Latina em que desenvolvemos nossa ação missionária.

#### 4. DIÁLOGO COM AS GRANDES RELIGIÕES NA AMÉRICA LATINA

Embora América Latina seja considerado o continente católico, existe a presença, mesmo que seja mínima, das grandes religiões, o que nos pede o diálogo para descobrir as diversas manifestações libertadoras de Deus na história e na natureza, a busca da pluralidade dos caminhos de salvação, a libertação e a pluralidade de respostas da humanidade e suas manifestações. Perante o pluralismo religioso é necessária a abertura para o diálogo cultural e inter-religioso que nos aproxime das religiões não cristãs na busca da construção do Reino de Deus. Neste sentido o papa Francisco nos recorda que: “o diálogo inter-religioso é uma condição para a paz do mundo” (*EG* 250).

O mundo pluralista da América Latina e Caribe deve inserir em seu contexto o diálogo inter-religioso, sobretudo com as

grandes religiões presentes no continente como os judeus<sup>2</sup>, os muçulmanos<sup>3</sup> e os budistas. O diálogo inter-religioso acontece especialmente com as religiões monoteístas (*DAp* 237) formadas pelo judaísmo, pelo islamismo e pelo cristianismo. Dentro do cristianismo, há reconhecimento e gratidão ao povo judeu, que nos une na fé no único Deus e sua palavra revelada no Antigo Testamento. “São muitas as causas comuns que na atualidade exigem maior colaboração e respeito mútuo” (*DAp* 235). Apesar dos desencontros, os judeus são considerados irmãos na fé bíblica (Cf. *EG* 249).

Dialogar com as religiões monoteístas “não significa que se deixe de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo aos povos não cristãos, mas com mansidão e respeito por suas convicções religiosas” (*DAp* 238). O diálogo não pode ser uma forma de proselitismo; não se trata de uma competição por mais adeptos. Trata-se de encontrar pontos em comum entre os cristãos com as outras religiões e crenças sem pretender fazer nenhum tipo de proselitismo. O diálogo é também um componente essencial para garantir a paz e o respeito mútuo.

No processo de Animação Missionária, além do pentecostalismo e das grandes religiões presentes no Continente, também devemos ter presentes os indígenas e afro-americanos, que exigem respeito, reconhecimento (Cf. *DAP*, 89) e diálogo na inculturação, nas traduções da Bíblia e dos textos litúrgicos aos idiomas desses povos (*DAP*, 94). Devemos trabalhar na defesa dos autênticos valores culturais, especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força dominadora das estruturas ma-

---

<sup>2</sup> A Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico (DCJ) no Brasil é mista e permanente criada pela CNBB, no dia 27 de fevereiro de 1981, para articular em nível nacional o diálogo religioso entre católicos e judeus do Brasil. Integra a Comissão pessoas pertencentes a comunidades católicas e judaicas, interligando-as a partir de seus objetivos a serem alcançados em quatro níveis: institucional, teológico, de ação conjunta e de contato pessoal (BEOZZO, 2007).

<sup>3</sup> Dados de 2002 afirmam que, nos últimos dois anos, o número de muçulmanos na América Latina cresceu 20 por cento, passando de cerca de 1,3 para 1,6 milhões, o que corresponde a 0,4 por cento da população. A maioria provém de outras religiões, sobretudo de várias confissões cristãs, e o crescimento do islamismo não tem portanto a ver com a chegada de imigrantes oriundos de países muçulmanos (BEOZZO, 2007).

nifestas na sociedade moderna. “Conhecer os valores culturais, a história e as tradições dos afro-americanos, entrar em diálogo fraterno e respeitoso com eles, é um passo importante na missão evangelizadora da Igreja” (*DAp* 532).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pentecostalismo no Continente Latino-americano é atraente e não se limita a pregar a salvação no sentido escatológico, mas seus serviços religiosos se apresentam também para as questões financeiras como elementos essenciais da fé. As Igrejas pentecostais trabalham em favor da valorização das relações pessoais, gerando aumento de autoestima, de subjetividade e aumentando o impulso empreendedor, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade. Dentro dessa realidade é cada vez mais vital para a credibilidade da Igreja e da Animação Missionária o testemunho de diálogo com o mundo pentecostal, como com as religiões não cristãs.

Entre outros aspectos, podemos aprender na nossa metodologia no campo da AM e V das Igrejas Pentecostais, o zelo pela dimensão Universal e local do anúncio do Evangelho, a presença nos meios de comunicação social, a utilização de uma linguagem utópica, que provoque e chame a responder aos desafios da vivência da fé na sua situação concreta.

Como discípulos missionários temos a tarefa que todas as Igrejas locais se conscientizem da missão universal, como horizonte constante de todo o trabalho pastoral e não apenas com a preocupação da diminuição dos católicos. Trata-se de envolver pessoas numa prática ética, feita de amor radical gratuito universal, fundamentada na ótica de fé em Deus Pai. Sua dimensão existencial é a fraternidade, essência da missão. A missão, não é fechada em si mesma, aos adeptos, mas é aberta ao mundo, no envio além-fronteiras. “Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: Que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é definitivamente a missão” (*DAp* 360).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEOZZO, José Oscar. (1994) *A Igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes.

----- (2007) *O Ecumenismo na V Celam. Religião & Cultura. O futuro do Catolicismo Latino-americano*. Nº. 12 V. 6. Julho/Dezembro. PUC-SP. São Paulo: Paulinas. p 31-70.

CELAM (2007) *Documento de Aparecida*, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS (1999) *Diálogo Católico-pentecostal, evangelização, proselitismo e testemunho comum*. N. 162, São Paulo: Paulinas.

ELIADE, Mircea. (2001) *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins fontes.

FRANCISCO (2013) *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus.

KASPER, Walter. (2005) As novas fronteiras ecumênicas. *Teologia em Questão, Igrejas em Concílio*. Faculdade Dehoniana. Ano IV, 2005/1. Taubaté, SP. p 63-88.

PASSOS, João Décio. (2001) *Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses*. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal. Tese de doutorado em Ciências Sociais. São Paulo. PUC.

RUANO, Edgar Moros. (1996) A Igreja Católica e o Desafio Pentecostal. In GUTIERREZ, Benjamim & CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito, os pentecostais na América - Latina: Um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Aipral. p. 213-225.

WOLFF, Elias. (2002) *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia e pastoral*. São Paulo: Paulus.

VILLASENOR, Rafael Lopez (2009). *O avanço pentecostal e a crise demográfica católica nos documentos da Igreja: preocupações, estratégias, diálogo e posturas frente ao pluralismo*. Dissertação em Ciências da Religião. São Paulo: PUC-SP.